

Quando os que detêm o poder, que apenas andam à busca de mais poder, perguntam ao povo aquilo que ele quer, na realidade o que pretendem ouvir é o eco dos seus próprios desejos (e, se não estão à espera disso, ou mentem ou se enganam a si próprios). Ora, só é possível ganhar mais, fazendo com que haja outros que percam tudo: os inocentes. É então que surge a tragédia, e que levamos as mãos à cabeça até que regresse de novo a publicidade. Eles bem o sabem e jogam com isso. É por isso que voltam, mais uma vez, a perguntar-nos: **“Quem quereis que vos solte?”**



Salvini no Pretório: Barrabás ou os migrantes do Aquarius?

UMA DAS PASSAGENS DO EVANGELHO QUE MAIS CALAFRIOS NOS CAUSA, é aquela em que Pilatos, governador da Judeia, tenta, desesperadamente, uma jogada que lhe permita compatibilizar os seus interesses e ambições pessoais, com os seus escrúpulos de consciência: não encontrando maneira de condenar Jesus de acordo com o Direito e a justiça, não podendo deixar de o condenar sem prejudicar a sua carreira política, tenta atirar a decisão para alguém exterior a si: que seja o povo a escolher.

“Então o governador tomou a palavra e disse:

- Qual dos dois quereis que vos solte?

Eles responderam:

- Barrabás.

Respondeu Pilatos:

- E que faço eu de Jesus chamado o Messias?

Responderam todos:

- Crucifica-o.

Ele, então, disse-lhes:

- Mas que mal fez ele?

Eles, porém, continuaram a gritar:

- Crucifica-o.

- Isso é lá convosco.

Então, soltou-lhes Barrabás, e a Jesus, depois de o mandar flagelar, entregou-lho para ser crucificado” (Mt 27, 21-26).

Na madrugada de domingo passado, foram resgatados seiscentos e vinte e nove imigrantes vindos das costas da Líbia. Havia entre eles menores e mulheres grávidas. Todos sabemos o que se passou a partir de então. A Itália, violando as normas internacionais, negou-se a aceitar nos seus portos o desembarque destes resgatados. Matteo Salvini, líder da Liga Norte, e, na altura, recém-nomeado vice-presidente e ministro do Interior (tomou posse do cargo no passado dia 1 de junho), deu ordens para que o barco não acostasse a nenhum dos portos italianos. Pressionou Malta a aceitá-lo; este país, mantendo um braço de ferro que se arrasta desde há algum tempo, e que agora se afigura ainda mais difícil, negou-se a tal, invocando o Direito internacional e a localização do resgate. A situação fica cada vez mais tensa. O Governo espanhol, presidido por Pedro Sánchez, oferece-se, então, para acolher o barco e os imigrantes. Salvini proclama no Twitter a sua vitória.

Há alguns meses atrás, li um comentário de Roberto Saviano em que o famoso escritor procurava explicar como tinha sido possível que, nas últimas eleições, o Sul da Itália tivesse votado em massa num partido nacionalista do Norte, de cariz claramente xenófobo. de cariz claramente xenófobo. O descontentamento com Berlusconi e as suas promessas sempre por cumprir, tinham aberto a porta à massificação do voto populista.

O que é o populismo político? Talvez o pudéssemos definir, muito rapidamente, como todo e qualquer movimento que oferece ao povo aquilo que ele quer ouvir, mesmo sabendo que tal não é possível e/ou conveniente para o bem comum. Há versões mais duras que recorrem à manipulação direta ou sub-reptícia. Parece que nestes nossos tempos de desencanto, crise económica crónica, aumento das desigualdades, medo (da precariedade laboral, das rápidas mudanças, da exclusão social, do terrorismo, das alterações climáticas, da vulnerabilidade em geral...), o terreno parece propício a todo o tipo de populismos. A **interconexão globalizada e permanente, a par do fenómeno das redes sociais, faz com que prolifere o fenómeno das chamadas *fake news* e da pós-verdade**. Trump, num impulsivo texto no *Twitter*, coloca-o no centro do discurso mundial, embora referindo coisas falsas e sem fundamento. Ou talvez, precisamente, porque o que diz é falso e sem fundamento. Algo que suscita atração mórbida, interesse, adesão: um discurso contrário ao politicamente correto, contra as convenções dos poderes estabelecidos...

Já conhecemos (ou melhor, estamos a começar a conhecer) os perigos desta visão dos problemas, mas parece que ela veio para ficar, pelo menos por algum tempo. A promoção dos partidos de ultradireita ou antissistema explica-se em grande parte, por estes elementos, mas o fenómeno é mais complexo. Alguns partidos antissistema respondem-nos que quem feriu o sistema foram, precisamente, os partidos que se arrogavam seus defensores, os partidos tradicionais. E também não deixam de ter razão.

De facto, o texto de Salvini acaba por ser o resumo de um problema grave e preocupante. Quando em 2015 se deu a maior crise humanitária de refugiados na Europa desde a Segunda Guerra Mundial, a Europa do bem-estar olhou para o lado e assinou um tratado com a Turquia que feria o Direito Internacional. Com que direito exige, agora, a Comissão, que a Itália o aceite?

As coisas são, pois, mais complexas. É certo que, como me dizia um padre amigo que trabalha entre um bairro marginal e um bairro operário, quem tem de lidar com os desafios sociais resultantes da imigração não é o progressista do centro da cidade. De facto, sabemos que os grandes alfores de votos ultradireitistas europeus não se encontram entre as classes acomodadas. Deste modo, quando os governos conservadores e xenófobos de vários países de Leste (com o presidente da Hungria, Viktor Orbán, à cabeça) fecharam as fronteiras e se negaram a admitir os refugiados provenientes da Síria, de certo modo, estavam a acusar os países ricos da Europa de se descartarem das suas obrigações. E a Itália anda a alertar, já há algum tempo, para a sua impossibilidade de absorver toda a imigração que acolhe, e para a necessidade de a União Europeia colaborar na Fronteira Sul.

Tudo isto é verdade. Mas também é verdade que há muitos interesses em jogo, e que, por trás dos movimentos migratórios levados a cabo com

base num direito natural que o ser humano exerce desde que se conhece como tal, há situações criadas e mantidas pelo Norte dominador. Há, igualmente, muitos interesses em jogo, que explicam o facto de não existirem vias seguras para a entrada de imigrantes e refugiados, o que explica, em grande parte, a famosa questão das mafias.

Mas há, inclusivamente, mais. O populismo alimenta-se daquilo que somos, sobretudo do pior da nossa natureza humana. Mais ainda: ele alimenta esses aspetos piores. O populismo não é, pois, apenas, o que somos ou o que queremos; ele é, também, tudo o que pretendem que sejamos ou queiramos. Vem a propósito estabelecer o paralelismo com os media que emitem telelixo: “oferecemos às pessoas aquilo que elas gostam”. Estes meios de comunicação sabem muito bem que, com os seus conteúdos, estão a reforçar as paixões mais baixas e instintivas da pessoa, a ponto de as massas pouco educadas lhes devolverem em troca mais desejo de bazófia. E nós sabemos que a bazófia não só é mais fácil de produzir, como também mantém a pessoas entretida, domesticada, alienada... Uma sociedade manipulada é uma sociedade escravizada. Ou, o que é pior ainda: uma sociedade escravizada que não sabe que o é (lembram-se do filme *Matrix*?).

O que é que acaba, pois, por ser mais fácil? Educar as sociedades? Redistribuir a riqueza? Elaborar programas complexos e dispendiosos de integração social? Avançar para uma democracia participativa e deliberativa? Submeter os grandes poderes reais e democratizar o poder económico, que acumula enormes lucros nesta era de capitalismo globalizado? Renunciar à manutenção de fortalezas de bem-estar, rodeadas por extensas cinturas de pobreza e exclusão, internas e externas? Construir uma Humanidade que prime pelo respeito pela dignidade pessoal e os direitos da pessoa? Será isso o que pretendem os que mandam? Então se não é, o que é que as pessoas querem ouvir? Ou antes, o que é que os que mandam querem que as pessoas queiram ouvir? Sabemos bem que a nossa natureza é fraca e, também, que é maleável.

Quando os que detêm o poder, que apenas andam à busca de mais poder, perguntam ao povo aquilo que ele quer, na realidade o que pretendem ouvir é o eco dos seus próprios desejos (e, se não estão à espera disso, ou mentem ou se enganam a si próprios). Ora, só é possível ganhar mais, fazendo com que haja outros que percam tudo: os inocentes. É então que surge a tragédia, e que levamos as mãos à cabeça até que regresse de novo a publicidade. Eles bem o sabem e jogam com isso. É por isso que voltam, mais uma vez, a perguntar-nos: “Quem quereis que vos solte?”

Pablo Font Oporto.

<http://blog.cristianismejusticia.net/2018/06/13/salvini-pretorio-barrabas-los-emigrantes-del-aquarius> (13/06/2018)

Raquel chora os seus filhos e não quer ser consolada



"O mais grave é que, quando um império tomba sob a própria prepotência, sepulta consigo uma série de satélites que lhe estão submetidos. As ruínas de um império varrem todo o território que lhe está subordinado", escreve o padre carlista Pe. Alfredo J. Gonçalves, assessor das Pastorais Sociais.

"Uma voz em Ramá foi ouvida: Lamentação e choro copioso. Raquel chorando os seus filhos; E ela não queria deixar-se consolar, porque eles já não vivem".

"Então, Herodes enfureceu-se grandemente; mandou matar todos os meninos de dois anos e mais novos ainda, nascidos em Belém e nos arredores". (Mt 2, 16 e 18)

Repete-se a fúria histórica e insana dos tiranos. Repete-se a indignação impotente dos súbditos. Desta vez, porém, não se trata de tempos de guerra generalizada, mas sim de paz. Como se o próprio progresso, desenvolvido pela tecnologia de ponta, tornasse mais empedernido o coração dos poderosos. De um lado, os pais com o coração a sangrar, privados dos seus filhos menores, e obrigados a regressar ao país de origem; do outro, o choro e o lamento das crianças, deixadas sós, enjauladas, e abandonadas nas mãos de estranhos. Reduz-se a

escombros uma esperança duramente trabalhada, lenta e longamente – por toda a família.

Estamos na fronteira entre o México e os Estados Unidos, marcada pelo entrecruzar de sonhos e pesadelos. Prevalece a política da tolerância zero do governo Donald Trump, contra os imigrantes sem a documentação em ordem. No processo de triagem e de expatriação dos migrantes, famílias são separadas com implacável frieza e prepotência pelas autoridades da maior economia do mundo. Priva-se a criança da própria família: o melhor antídoto contra a enfermidade mental e emocional, bem como contra os desencontros da vida.

As imagens parecem surreais, inverdadeiras, elaboradas para um exótico filme de ficção. E perguntamo-nos: serão resíduos macabros provindos das cinzas dos campos de concentração nazis? Como se os menores emergissem e se levantassem do sono da morte, para acusar todo e qualquer tipo de tirania em nome da raça, do povo, da nação, da religião ou da ideologia! Tudo isto no próprio berço onde surgiram os ideais da democracia, promovido pelos porta-vozes do regime com pretensões de modernidade.

Como se já não bastassem as guerras-frias com as suas sombras e ameaças! No plural, porque à guerra-fria político-ideológica dos anos 1945-70, seguiu-se a guerra-fria comercial dos nossos dias. Uma pergunta de passagem: qual das duas será mais letal em termos de vítimas humanas?! Conjugados entre si, o conflito comercial e o endurecimento da legislação migratória falam alto e grosso, em nome de um nacionalismo que parecia morto e sepultado em plena era da economia mundial. O fantasma do medo, porém, não dá tréguas: levanta-se com a força dos fracos, que é a vingança e a violência. Da mesma maneira que o rei Herodes, se vê ameaçado e assustado por qualquer concorrente que se cruze no seu caminho de poder a arrogância. É urgente extirpá-lo pela raiz!

Os tiranos, porém, costumam ter telhados de vidro e pés de barro. A história encarrega-se de os reduzir a pedaços e a cinzas. O mais grave é que, quando um império tomba sob a própria prepotência, sepulta consigo uma série de satélites que lhe estão submetidos. As ruínas de um império varrem todo o território que lhe está subordinado.

no grande cemitério

O barco tem o nome de «Aquarius», o que soa com um travo quase sarcástico porque dentro dele não vinham peixes, mas sim gente; crianças, mulheres e homens que o desespero tinha impelido a arriscarem as vidas, em verdade o que restava delas, a bordo de um barco relativamente frágil e escassamente provisionado numa travessia já marcada por uma sinistra história recente. Eles decerto saberiam, ainda que com imprecisos contornos, que o mar que queriam atravessar já guardara nas suas águas os corpos dos que haviam falhado a viagem, tantos que bem se poderá dizer que aquele é hoje mais vasto cemitério do mundo. E é de tal modo assim que porventura custa a entender como continua a haver centenas, talvez milhares de criaturas normais que em época de veraneios não parecem hesitar em mergulhar naquelas águas, de algum modo partilhando com os mortos, embora a larga distância, um seu último banho. Era, pois, um barco cheio de gente angustiada; dirigia-se para Itália, lugar dessa Europa que lhes surgia como a salvação possível, a alternativa à sinistra tríade de fome, peste e guerra, que em cada dia os ameaçava. Mas a Itália é pobre em vasta parte do seu território, está agora a ser gerida por um governo que aposta na recusa da entrada de refugiados para desse modo cimentar a sua popularidade, o «Aquarius» não foi autorizado a aportar a qualquer porto italiano.

A resposta

Ali mesmo ao lado estava a França, país com antiga reputação de seguir excelentes princípios. Mas não, a França também não quis receber aquele enorme grupo de gente esfomeada e talvez doente. Valeu a Espanha, que decidiu um gesto de solidariedade acolhendo os 629 infelizes, se é que ainda estavam todos vivos, desse modo evitando que se consumasse mais uma tragédia e o grande cemitério recebesse mais umas centenas de corpos. Deste caso, mas não apenas deste caso, se falou no «Prós e Contras» desta semana: como ali ficou bem claro, a questão reside não apenas na odisseia do «Aquarius», de facto tomada como ponto de partida para a abordagem da questão, mas numa situação em que a franja setentrional de um enorme continente cuja população foi espoliada ao longo de séculos despeja para o mar milhares de desesperados. De onde a pergunta: estará esgotada a capacidade europeia de integração de refugiados? E, ainda que se considere apenas que esse esgotamento será inevitável ao ritmo actual, a pergunta subsequente e inevitável: que fazer? Faltou no «Prós e Contras» a resposta adequada: cessar a exploração de África e do Médio Oriente pelo «Ocidente» inescrupuloso, promover o desenvolvimento das áreas «fornecedoras» de refugiados de modo a que eles possam encontrar nas suas próprias terras a sobrevivência que os dispense da suicidária aventura da emigração. Isto é: do risco de aumentarem a macabra população dos mortos no Mediterrâneo.

Correia da Fonseca. Crítico televisivo.

<http://www.avante.pt/pt/2325/argumentos/150356/No-grande-cemit%C3%A9rio.htm> 21/06/2018)

Tragédia humana utilizada com fins comerciais? *Benetton provoca polémica*



A Benetton voltou às campanhas publicitárias polémicas, desta vez usando imagens de um grupo de migrantes resgatados pelo Aquarius, perto da Costa da Líbia. A última polémica envolvia um doente terminal com SIDA.

A Benetton voltou, na sua mais recente campanha publicitária, a gerar devida controvérsia – que é, aliás, um dos seus objetivos: desta vez com a utilização de uma fotografia onde se pode ver um grupo de imigrantes resgatados pelo barco Aquarius, junto à Líbia.

Os imigrantes acabariam por seguir para Itália – país originário da Benetton – onde o seu desembarque foi recusado, tendo acabado por ser acolhidos em Espanha.

A Benetton não é nova no que toca a publicidade polémica. A parceria da empresa com o publicitário Oliverio Toscano deram muita notoriedade às campanhas da marca italiana. A polémica é, para a publicidade, um dos mecanismos de transformação de uma marca desconhecida numa marca de referência.

Deste ponto de vista, a publicidade da Benetton e de algum modo uma parte significativa do marketing oriundo de Itália apostou sempre na notoriedade induzida pela polémica. Fosse de cariz sexual ou outro, foi sempre um dos estratagemas das marcas italianas.

Até porque, segundo dizem os conhecedores, a polémica é sempre bem-vinda – mesmo que, no limite, uma marca tenha de retirar a publicidade, o ‘falatório’ que provocou já é recompensa mais que suficiente.

A última campanha da Benetton que havia induzido fortes dozes de polémica foi a que usou uma fotografia de um doente terminal com SIDA para ilustrar uma das suas campanhas.

Segundo a imprensa internacional, a própria ONG SOS Mediterranée, que ficou encarregada das operações de salvamento, veio a público condenar a iniciativa do fotógrafo Kenny Karpov e da empresa italiana, afirmando que “a tragédia humana no Mediterrâneo nunca deve ser utilizada com fins comerciais”.

António Freitas de Sousa

<http://www.jornaleconomico.sapo.pt/noticias/tragedia-humana-utilizada-com-fins-comerciais-benetton-provoca-polemica-323461> (20/06/2018)